

Desafios Globais da Agricultura Brasileira

Marcos S. Jank¹

Dois grandes fatores explicam o sucesso do agronegócio brasileiro: **tecnologia e gente**. Somos um país bem dotado de solos, água e clima. Mas o sucesso não teria sido possível se não tivéssemos iniciado uma jornada há mais de um século com Universidades como a ESALQ e institutos de pesquisa como o IAC (Instituto Agrônomo de Campinas) e o IZ (Instituto de Zootecnia).

Depois veio a Embrapa nos anos 1970 e uma grande quantidade de empresas privadas de tecnologia, nacionais e multinacionais, que nos ajudaram a **consolidar a revolução agrícola tropical** que vivenciamos hoje.

Essa revolução se completou com **agricultores jovens, motivados, tomadores de risco**, que **migraram e desbravaram** as novas fronteiras agrícolas nos cerrados do centro-norte do país.

Sem grandes esforços ou apoio de acordos internacionais de relevância para o setor, em menos de 20 anos **quintuplicamos** as nossas exportações do agronegócio, atingindo US\$ 102 bilhões destinados a mais de 200 países.

Mas daqui para a frente viveremos **tempos turbulentos** que nos exigirão muito mais **organização, visão estratégica e capacidade de negociação**. No passado, importadores vinham buscar nossas commodities nos portos brasileiros porque oferecíamos volumes crescentes a preços competitivos. Mas os próximos 20 anos não serão tão fáceis. A **guerra hegemônica EUA-China** vai ser longa e penosa para o mundo, podendo ajudar ou prejudicar o Brasil. O multilateralismo encontra-se em crise tanto na Organização Mundial do Comércio (OMC) como no andamento do Acordo do Clima.

Ocorre que a **d demanda potencial do mundo é praticamente infinita**, mas apenas uma pequena parte dela é **acessível** para as nossas exportações por conta de inúmeras barreiras tarifárias e não-tarifárias - técnicas, sanitárias, burocráticas etc.

Num momento em que a geopolítica retorna com vigor, nosso **primeiro desafio será construir demandas consistentes e duradouras para nossos produtos**.

Temos de mapear nossos interesses de curto e longo prazo nas principais macrorregiões do mundo emergente. Os **holofotes** do presente estão na Ásia do Leste e do Sudeste e no Oriente Médio, regiões que somam 2,6 bilhões de

¹. Marcos Sawaya Jank é titular da Cátedra Luiz de Queiroz em Sistema Agropecuários Integrados da Esalq-USP (Ciclo 2019) e professor sênior de Agronegócio Global do Insper.

habitantes, importam US\$ 420 bilhões e respondem por 54% das exportações brasileiras no agro. Porém o **nosso futuro** fatalmente estará depositado no Sul da Ásia (leia-se o subcontinente indiano) e na África - na soma, 3 bilhões de habitantes hoje, 5 bilhões em 2050, mas que hoje respondem por apenas 12% das nossas exportações no agro.

Temos de **aprender a lidar com a China**, esse nosso casamento inevitável de longo prazo, que demanda um **relacionamento estratégico e equilibrado** que gere maior valor adicionado e diversificação de produtos no comércio. Os chineses já respondem por um terço das nossas exportações do agro, porém elas ainda estão altamente concentradas na soja em grãos. Temos de abrir o mercado chinês para farelo e óleo de soja, milho, etanol e proteínas animais. A China vive hoje a **maior crise de produção de carne suína** da sua história, por conta de uma terrível epidemia de peste suína africana que pode dizimar metade do seu imenso rebanho de 430 milhões de cabeças, que é 11 vezes superior ao nosso. A guerra comercial Brasil-China gerou grande oportunidade para a soja brasileira. A peste suína está ampliando as exportações brasileiras de carnes para aquele país.

Mas como será a nossa relação com aquele país daqui a 10 ou 20 anos? Como pavimentar um caminho virtuoso entre os dois países? Esse é o tema central que me trouxe para Cátedra “Luiz de Queiroz” em “sistemas agropecuários integrados” da ESALQ, que esse ano conta com o inestimável patrocínio da Aurora.

Junto com a *China Agricultural University*, a CAU, 14 professores e especialistas, 7 brasileiros e 7 chineses, vamos produzir o livro “**Parceria Estratégica Brasil-China para a Segurança Alimentar**”, analisando juntos temas como comércio, investimentos, infraestrutura, inovação, sustentabilidade e integração de sistemas agroalimentares.

O diretor do Colégio de Economia e Administração da CAU, **Pei Guo**, está hoje aqui conosco, acompanhado pela professora **Honghua Chen** e de 14 alunos daquela universidade. Na semana que vem 5 brasileiros estarão em um evento que eles organizam em Hangzhou na China.

Em paralelo, com prudência e equidistância, temos de intensificar e dar um novo rumo para as relações com os **Estados Unidos**, perdidas após duas décadas de desconfianças mútuas. Além de melhorar as relações bilaterais, EUA e Brasil, berço das duas maiores revoluções agrícolas do século XX, precisam se coordenar melhor em temas globais como segurança alimentar, inovação, bioenergia e outros.

Temos também de avançar com o projeto de **abertura comercial brasileira**, ao mesmo tempo que retomamos as **negociações comerciais** que ampliarão a nossa integração nas cadeias globais de valor.

Nosso segundo desafio global reside em três grandes áreas que cercam a atividade agropecuária, que eu tenho chamado de 3S: Saúde, Sanidade e Sustentabilidade.

Os maiores problemas de **saúde e nutrição humana** são a combinação perversa da **falta de alimentos** (820 milhões passam fome no mundo) com a **má nutrição** - 2,1 bilhões de pessoas com obesidade e doenças crônicas.

Na **sanidade** temos a eclosão de graves doenças e o desafio de modernização do sistema sanitário brasileiro.

Na **sustentabilidade** os temas mais importantes para o Brasil são uso da terra e de insumos modernos, desmatamento, clima e biodiversidade.

Nesses últimos meses o mundo inteiro comentou as queimadas que estão ocorrendo na região amazônica. Queimadas nessa época seca do ano **não** são fato novo e derivam basicamente da **persistente ilegalidade** que reina numa região que abriga a maior floresta do planeta, mas também 20 milhões de habitantes de baixa renda e monitoramento precário. Até o final de agosto, **225 milhões de pessoas** receberam notícias negativas sobre o Brasil pelas redes sociais, causando a falsa percepção que o Brasil perdeu o controle da “Rain Forest” e que o **maior culpado seria a agricultura moderna**.

Alguns brasileiros gostam de dizer que o Brasil possui a **melhor e mais sustentável agricultura do planeta**. Outros dizem que somos o país mais **agredido e injustiçado** do planeta, porque fez muito e ninguém acredita. Roberto Campos já dizia que o **nacionalismo brasileiro é uma curiosa mistura de mania de grandeza com complexo de inferioridade**. Lá fora somos os melhores do mundo. Aqui dentro somos os piores. Provavelmente não é nenhum nem outro.

Mas reputação **não é o que achamos de nós mesmos**, mas sim o que nossos parceiros pensam da gente, mesmo que altamente influenciados por mídias sociais. É nisso que temos de trabalhar!

Será que nós não sabemos nos comunicar ou não queremos nos comunicar? **Quantos brasileiros estão hoje rodando o mundo para debater e explicar o Brasil** nos inúmeros encontros onde se discute agricultura, sustentabilidade e mudança do clima?

Vamos nos unir para combater o desmatamento ilegal, que é responsável por 95% dos desmatamentos observados na Amazônia esse ano?

Reduzir emissões e desmatamentos são metas planetárias indiscutíveis. Mas a grande pergunta é como vamos produzir os produtos agropecuários que serão

necessários para alimentar quase 10 bilhões de habitantes do planeta em 2050? Onde, como e quem irá produzir a imensa quantidade de commodities que o mundo precisa? Quais são os modelos produtivos de alta produtividade capazes de economizar recursos naturais cada vez mais escassos? **Esse é o verdadeiro debate que o Brasil deveria liderar no mundo, sem se esquivar!**

Em vez de soltar campanhas “chapa branca” superficiais e impessoais, deveríamos **encarar de frente o desafio de explicar o código florestal e mostrar o uso da terra e da tecnologia na agricultura brasileira**, ao mesmo tempo em que **combatemos de forma efetiva a ilegalidade, a grilagem e o extrativismo predatório.**

Em vez de ficarmos nos defendendo do mundo numa postura de “nós contra eles”, deveríamos assumir protagonismo no tema do desafio alimentar global de 2050, analisando as perspectivas da oferta e da demanda e destacando os modelos produtivos mais sustentáveis que deveriam ser incentivados, aqui e no mundo.

A **Universidade** tem um papel crucial nessa história, pois é ela que produz conhecimento organizado por meio de publicações internacionais em inglês que são submetidas ao escrutínio da revisão por pares, ou seja, experts renomados que atuam no mesmo campo do conhecimento.

Nesses tempos de tantos antagonismos, sobram acusações e opiniões levianas e superficiais disseminadas pelas redes sociais, mas faltam estudos de qualidade e a presença física em debates globais sobre as grandes transformações que temos visto no mundo da agricultura e do agronegócio.

No mundo digital profundamente interconectado, o país que ocupa a terceira posição entre os maiores exportadores agrícolas do planeta **precisa gerenciar as percepções que se formam sobre a sua pauta agroexportadora**, sejam elas verdadeiras ou não. A melhor forma de fazê-lo é produzir dados e publicações de qualidade e **se fazer presente no exterior, ouvindo, entendendo e dialogando** com clientes, consumidores, acadêmicos, governantes, jornalistas e formadores de opinião nas diferentes regiões que atuamos.

O ponto de partida é uma melhor organização e coordenação do governo, setor privado, pesquisa e sociedade civil no Brasil. Se antes falávamos basicamente de **oferta, tecnologia e produtividade na propriedade rural**, hoje é preciso pensar em **demanda dirigida pela nova geopolítica dos alimentos e pelas múltiplas percepções e demandas relacionadas com saúde, novos hábitos alimentares, sanidade e sustentabilidade.**

Muito obrigado!